

Prefácio

IVANI FAZENDA¹

A *Roda e o Registro* surge como livro, embora proposto como dissertação de mestrado. Trata-se, entretanto, de uma dissertação pouco convencional nos meios acadêmicos, aquela que antes de ser tese foi livro, antes de ser para a academia foi elaborada para todos os que buscam a compreensão do sentido mais profundo do ato de educar.

Prefaciando este livro/tese ou tese/livro conduz-me, com a alegria própria dos que admiram uma obra de arte, a dizer de Cecília Warschauer, sua autora. Conheci Cecília em 18 de outubro de 1989, saindo da banca de defesa da tese de Célia Haas, uma de minhas orientandas. Lembro-me, como se fosse hoje, da interpelação de Cecília: “Após vários anos de busca, encontro-me finalmente com uma proposta de Educação que me impulsiona a novas pesquisas e me retira da solidão dos meus achados.”

Evidentemente, a proposta a que Cecília se referia é a que se encontra presente em cada linha deste trabalho, ou seja, sua própria proposta de vida, que denomino *interdisciplinaridade* – a solidão referida é aquela particular a todos os que têm na interdisciplinaridade seu propósito de vida profissional.

1. Membro da Academia Paulista de Educação. Coordenadora do GEPI (Grupo de estudos e pesquisas em interdisciplinaridade) e professora titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

A empatia estabelecida naquele momento, e a partir daquela afirmação tão sincera, conduziu-me a um convite para que Cecília participasse do grupo de estudos sobre interdisciplinaridade que há dois anos eu vinha coordenando semanalmente na PUC-SP. Do ingresso de Cecília no grupo à sua defesa de tese, dois anos se passaram. Dois anos que possibilitaram uma profunda troca, um verdadeiro encontro, um exercício de intersubjetividades, tudo isso culminando no registro e na análise da história de uma professora comum (?), com seus alunos comuns (?), em escolas comuns – uma dissertação de mestrado.

História comum que a maestria de Cecília transformou numa grande produção teatral, de cenários requintados, guarda-roupa criteriosamente escolhido, tenores, barítonos e coro muito afinados e jogo de cena perfeito. Abre-se a cortina, e ato após ato o leitor *aprende* a ouvir o *som* possível de uma música imaginária saída do livro de Cecília. Tal como numa obra de arte, a história conduz cada espectador a rever-se no *jogo* e na *trama* que vai sendo pontualmente apresentada. É o apelo ao simbólico de cada um, através da manifestação totalizante do símbolo que levou Cecília a pensar, *a Roda*.

Roda – muito refletimos sobre esse símbolo que aparece para outros pesquisadores da interdisciplinaridade sob formas variadas, porém idêntico na essência: caracol, labirinto, bolha, túnel. E dessas reflexões, uma hipótese: por ser a interdisciplinaridade uma atitude que convida à busca da *totalidade*, nela, seu símbolo próprio: a Roda, o círculo, enfim, a *mandala* encontrada, tão presente no inconsciente dos pesquisadores atuais quanto nos registros mais antigos das civilizações primeiras.

É Roda, é mandala, é círculo, é movimento que induz e conduz à *produção do conhecimento* – não de um conhecimento qualquer, mas daquele que se registra, se elabora, se alicerça, se amplia e se reconstrói. Conhecimento próprio do ser humano que existe, sempre, em toda a sua vida, tenha ele zero, cinco, dez ou oitenta anos de idade...

A proposta de Cecília, tal como é comum às excelentes proposições interdisciplinares, nasce da *indagação*, da *problematização*, da *dúvida*. Nasce do desejo de caminhar na interrogação e não esvair-se nela; nasce da contradição da *espera* e da necessidade de ir além. Nasce da ousadia da *luta*, da luta entre contrários, do desejo da aquisição de identidades. Nasce de projetos pessoais de vida, porém conduz a projetos de trabalho coletivos. Nasce da alegria e permanece nela até o final...

Abre-se a cortina, encena-se a obra de Cecília, seu cotidiano em sala de aula, na educação infantil, no ensino fundamental ou em qualquer momento de ensino.

A cortina se fecha, em seguida ouvem-se aplausos e, na alegria e na força desses aplausos, a possibilidade de mil outras obras serem encenadas. Obras que já vêm sendo gestadas em outras salas de aula, mas que a impossibilidade de sistematização as impede de serem conhecidas, e todas as outras mais, que ainda virão, afirmando ou negando a utopia vivida por Cecília naquele ano, naquela escola, naquela sala de aula, sincronicamente ocorrida em minha sala de aula da pós-graduação e em tantas outras salas de aula de professores comprometidos, que nesses anos de pesquisa em Educação a vida tem me levado, com prazer, a conhecer.